

SOLIDÃO E EROS: REFLEXOS DA REPRESENTAÇÃO FEMININA EM *MEMÓRIAS DE MINHAS PUTAS TRISTES*

SOLITUD Y EROS: REFLEJOS DE LA REPRESENTACIÓN FEMENINA EN MEMORIAS DE MIS PUTAS TRISTES

Ana Catarina Dantas Silva
Universidade Estadual da Paraíba
<https://orcid.org/0009-0000-3465-3024>
ana.catarina.silva@aluno.uepb.edu.br

Inácia Maria Oliveira do Nascimento Soares
Universidade Estadual da Paraíba
<https://orcid.org/0009-0007-0008-6149>
inacia.soares@aluno.uepb.edu.br

José Dantas da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0003-4639-4255>
jose.junior@servidor.uepb.edu.br

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar as representações femininas na obra *Memórias de Minhas Putas Tristes*, de Gabriel García Márquez (2004), explorando os temas da solidão e do amor Eros. Discutimos, através da literatura, as normas sociais de gênero presentes na narrativa, que contribuem para o desenvolvimento da objetificação das mulheres no contexto ficcional. A análise será fundamentada em uma base teórica composta por autores como Gikovate (1998), Platão (2012), Loureiro (2014), Minois (2019), Silva Júnior (2022), entre outros pesquisadores. O método adotado é de caráter bibliográfico, com uma abordagem crítico-reflexiva sustentada por uma revisão da literatura. Os resultados evidenciam as representações femininas na sociedade do século XIX/XX, por meio da personagem protagonista, que as simboliza como objetos e, ao mesmo tempo, intensifica os temas da solidão e do amor no romance. Além disso, procuramos discutir os temas sociais e de gênero retratados na obra, destacando suas associações com a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Solidão. Gabriel García Márquez. Eros. Representação feminina.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo analizar las representaciones femeninas en la obra *Memoria de mis putas tristes* de Gabriel García Márquez (2004), explorando los temas de la soledad y del amor Eros. A través de la literatura, se discuten las normas sociales de género presentes en la narrativa, las cuales contribuyen al desarrollo de la objetivación de las mujeres en el contexto ficcional. El análisis se fundamentará en una base teórica compuesta por autores como Gikovate (1998), Platón (2012), Loureiro (2014), Minois (2019), Silva Júnior (2022), entre otros investigadores. El método adoptado es de carácter bibliográfico, con un enfoque crítico-reflexivo respaldado por una revisión de la literatura. Los resultados evidencian las representaciones femeninas en la sociedad del siglo XIX/XX, a través de la protagonista, quien las simboliza como objetos y, al mismo tiempo, intensifica los temas de la soledad y del amor en la novela. Además, se busca discutir los temas sociales y de género representados en la obra, destacando sus asociaciones con la sociedad contemporánea.



Palabras clave: Soledad. Gabriel García Márquez. Eros. Representación femenina.

Introdução

Desde então comecei a medir a vida não pelos anos, mas pelas décadas
Gabriel García Márquez – Memórias de minhas putas tristes

Um dos maiores nomes da literatura do Boom Hispano-americano, o escritor renomado e aclamado mundialmente, Gabriel García Márquez, traz em seu último romance intitulado *Memórias de minhas putas tristes*, como personagem principal um senhor que está a completar seus anos de álamo, 90 anos de idade, desejando ter uma noite de amor louco para comemorar o seu aniversário. Nesse contexto, somos conectados às histórias das personagens femininas, cujas vozes são silenciadas pela narrativa autodiegética.

A problemática deste trabalho surge justamente da necessidade de analisar as personagens femininas para dar voz a estas que foram omitidas, a saber: Delgadina, Ximena Ortiz, Casilda Armenta, Rosa Cabarcas e Damiana. Nesta linha de pensamento, este estudo tem como objetivo analisar as representações femininas na obra *Memórias de Minhas Putas Tristes*, de Gabriel García Márquez (2004), explorando os temas da solidão e do amor Eros. Apesar da nossa discussão também ser centrada no próprio protagonista, em razão da narrativa autodiegética, a centralidade serão as análises dos fragmentos das personagens femininas que foram inibidas tanto pelo narrador, quanto pela sociedade representada na obra analisada, especificamente a sociedade em transição do século XIX para o século XX.

De todo modo, é importante contextualizar, ainda que brevemente, mesmo em nosso apartado da introdução, que a narrativa autodiegética é aquela em que o narrador é também o protagonista da história. Ou seja, o narrador conta a história de sua própria vida ou experiências em primeira pessoa. Por essa razão, o narrador se envolve diretamente na trama e assume o papel central das ações, sendo, ao mesmo tempo, sujeito e contador da história. (Cf. Genette, 1989).

A partir dessa problemática, discutimos as normas sociais de gênero, os vínculos afetivos e a objetificação feminina, com base nos fragmentos literários. Enfatizamos as histórias dessas mulheres, rotuladas como “putas”, recuperando as vozes que lhes foram silenciadas e transformando-as em protagonistas que contribuem para a representação da objetificação feminina no contexto narrativo.

Nossa base teórica se fundamenta nas discussões de Platão (2012) sobre a idealização do amor no campo das ideias, aplicadas às personagens que refletem o sentimento amoroso. Além disso, consideramos as contribuições de Gikovate (1998) para explorar a representação do amor e da solidão como vícios, o narcisismo e a idealização do protagonista. Minois (2019) oferece uma reflexão sobre a “solidão de multidão”; Loureiro (2014) enriquece nossa análise com sua tese sobre a representação e objetificação feminina imposta pela sociedade; e Silva Júnior (2022) contribui com discussões sobre a representação da solidão no protagonista, à luz do sentimento amoroso em *Memórias de Minhas Putas Tristes*.

A metodologia adotada neste artigo é de natureza bibliográfica, fundamentando-se em estudos já existentes, tanto teóricos quanto literários, que abordam a obra e os temas relacionados à representação feminina.

Por fim, este artigo está organizado em dois momentos principais: no primeiro, intitulado “Solidão, Eros e a Representação Feminina”, discutimos estudos relacionados à temática central do artigo, examinando a complexidade das relações entre as personagens femininas e o protagonista, incluindo os sentimentos amorosos e a objetificação dessas mulheres na narrativa. Em seguida, apresentamos a conclusão, sintetizando as reflexões desenvolvidas ao longo do texto.

1 Solidão, eros e a representação feminina

Na obra *Memórias de Minhas Putas Tristes* (2004), encontramos personagens femininas que se relacionam com o protagonista, o “sábio triste”, como o intitula Rosa Cabarcas: “Ai, meu sábio triste, suspirou com seu espírito invencível, você perde dois meses e só volta para pedir ilusões” (Márquez, 2010, p. 112). Cada uma dessas mulheres estabelece um vínculo único com ele, seja por meio de relações trabalhistas ou de outras naturezas sociais, ou relações eróticas. Essas mulheres estão imersas em uma solidão que se intensifica, de certa forma, pelo Eros e pelo silenciamento a que são submetidas ao longo da obra.

A solidão das personagens femininas em *Memórias de Minhas Putas Tristes* se intensifica pela objetificação e redução dessas mulheres a meros objetos sexuais. Um exemplo é a relação trabalhista do protagonista com sua empregada *Damiana*, que extrapola os limites profissionais e culmina em um ato de violência sexual, como descrito pelo próprio narrador:

A única relação estranha foi a que mantive durante anos com a fiel Damiana. Era quase uma menina, mais para forte e xucra, de palavras breves e terminantes, que se movia descalça para não me estorvar enquanto eu escrevia. Recordo que eu estava lendo *La lozana andaluza* na rede do corredor, e a vi por acaso inclinada no tanque com uma saia tão curta que deixava a descoberto suas coxas suculentas. Presa de uma febre irresistível levantei-a por trás, baixei suas prendas até os joelhos e avancei pelos fundos. Ai, senhor, disse ela, com um queixume lúgubre, isso não foi feito para entrar, mas para sair. Um tremor profundo percorreu seu corpo, mas se manteve firme. Humilhado por tê-la humilhado quis pagar a ela o dobro do que custavam as mais caras daquele tempo, mas não aceitou nem um tostão, e tive que aumentar seu salário com o cálculo de uma montada por mês, sempre enquanto lavava roupa e sempre pela retaguarda. (Márquez, 2010, p. 17).

Como ressalva Silva Júnior (2022), nas relações afetivas entre o protagonista e quase todas as mulheres da narrativa, o sexo é apresentado como um ato com finalidade em si mesmo, desprovido de um sentimento amoroso. Essa dinâmica sugere que tais envolvimento, restritos ao aspecto sexual, contribuem para a ausência de uma companhia constante e aprofundam a solidão do protagonista, especialmente aos noventa anos, mas também reforçam a solidão dessas mulheres. Um exemplo disso é Damiana, que, de certa forma, nutre a esperança de receber do patrão algo além do vínculo de submissão, como um amor que nunca se concretiza.

Em contraste, na cena envolvendo Damiana, sua empregada, a narrativa evidenciam uma violência sexual que se perpetua ao longo dos anos. Ao invadi-la, o protagonista percebe o tremor do corpo de Damiana, que se mantém imóvel e silenciosa durante o ato. Como uma forma de compensação, talvez movida por uma tentativa de absolver-se da culpa, o protagonista aumenta o salário de Damiana, utilizando essa ação como um meio de suavizar o peso de sua própria humilhação.

Historicamente, conforme Silva Júnior (2022), a figura da empregada doméstica tem sido estigmatizada e discriminada, submetida a diversas formas de violência, incluindo ataques sexuais e morais, que impactam diretamente sua subjetividade e essência feminina. No romance, o silenciamento de Damiana é emblemático dessa realidade; ela fala pouco no ambiente de trabalho e cumpre fielmente o papel de subordinada e dependente de seu emprego. Esse contexto reforça o desequilíbrio de poder na relação com o protagonista, que nomeia a situação como “estranha”. Na verdade, o que havia era uma humilhação sistemática, sustentada por anos. Pode-se argumentar que o verdadeiro “estranhamento” residia na continuidade dessa relação, enquanto os demais envolvimento do protagonista eram passageiros, durando apenas um encontro ou pouco mais.

Ainda em conformidade com Silva Júnior (2022), essas ações revelam questões significativas para debate, como o desejo e a neurose. O desejo consciente de transformar Damiana em um objeto sexual no contexto de suas funções domésticas manifesta-se, entre outros aspectos, no aumento salarial, expondo uma dinâmica marcada por fetiches que traduzem a própria concepção de desejo como uma forma de neurose, caracterizada pela busca incessante pelo prazer sexual.

Por tanto, no contexto da obra, as personagens femininas são vistas apenas como instrumentos para satisfazer os desejos do protagonista, o que as priva de uma identidade própria e da possibilidade de estabelecer conexões emocionais genuínas. Essa objetificação as coloca à margem da trama, transformando-as em figuras sem voz, cujas histórias e sentimentos são constantemente silenciados.

Sobre esse aspecto, no que se refere à construção de conexões emocionais genuínas, destacamos a jovem *Delgadina*, figura central do caso amoroso mais duradouro do protagonista. Segundo ele, a menor de idade, proveniente da casa clandestina de Rosa Cabarcas, “não foi uma alucinação, e sim um milagre a mais do primeiro amor da minha vida aos noventa anos” (Márquez, 2010, p. 69). Essa relação, marcada por uma profunda idealização, reflete o desejo do protagonista de preencher sua solidão e ressignificar sua existência por meio de uma conexão afetiva inédita em sua trajetória.

Em *O Banquete*, Aristófanos descreve a origem do sentimento do amor, afirmando que “há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana” (Platão, 2012, p. 19). A partir dessa reflexão, sugere-se que o amor nasce da busca por restaurar a completude original do ser humano e alcançar a imortalidade. No contexto da narrativa, essa busca pela eternidade está presente no sentimento que o protagonista desenvolve por Delgadina. Para ele, a juventude da jovem representa uma forma de prolongar sua existência e encontrar, no amor, uma fuga simbólica da mortalidade e da solidão que o assombra.

A relação com Delgadina também pode ser compreendida sob a perspectiva do Eros apresentada por Diótima, em *O Banquete*. Platão (2012) observa que o amor busca a imortalidade através do desejo de sempre reter o bem: “A imortalidade que, com o bem, necessariamente se

deseja, pelo que foi admitido, se é que o amor é amor de sempre ter consigo o bem. É de fato forçoso por esse argumento que também da imortalidade seja o amor” (Platão, 2012, p. 34). Nesse sentido, o amor é idealizado como uma elevação que ultrapassa o tempo, permitindo ao protagonista vivenciar, mesmo em sua velhice, a sensação de plenitude e continuidade. A partir dessa perspectiva, ele experimenta o amor com a intensidade de um jovem, criando um contraste entre sua idade avançada e o frescor de sua descoberta emocional.

A relação entre o protagonista e Delgadina em *Memórias de Minhas Putas Tristes* pode ser aprofundada à luz da análise de Gikovate sobre a solidão e o amor. Como Gikovate (1998, p. 202) aponta, é no outro que o ser humano encontra um amparo para esconder suas fragilidades, o que “[...] nos faz sentir prazer no aconchego físico”. O protagonista, em sua busca por uma conexão com Delgadina, parece buscar não apenas a juventude que ela simboliza, mas também uma forma de aliviar sua própria vulnerabilidade emocional. Contudo, paradoxalmente, essa experiência amorosa intensifica sua solidão, revelando o isolamento e a desilusão que o definem.

A solidão, segundo Gikovate (1998), não é apenas uma condição existencial, mas também um vício para aqueles que, como o protagonista, se habitua a ela ao longo da vida. Apesar da busca incessante pelo Eros como uma forma de salvação, o protagonista permanece preso à sua natureza solitária. Esse dilema é ampliado pela idealização de Delgadina, que funciona como um “objeto amoroso” que o ilude ao oferecer uma promessa de plenitude. No entanto, essa ilusão não se sustenta, e o protagonista se confronta com sua realidade de isolamento.

Como Gikovate (1998, p. 202) destaca, “ao assumirmos, de uma vez por todas, nossa condição de criaturas solitárias, pode acontecer que tendamos a um estado depressivo próprio daquele que sentimos quando percebemos que estávamos iludidos quanto a uma pessoa ou a uma ideologia”. Essa reflexão ecoa a trajetória do protagonista, que, ao perder Delgadina como um ideal de amor, se depara com a angústia de sua condição. Ele reconhece que sua relação com a jovem nunca poderia preencher verdadeiramente sua necessidade de conexão, expondo, assim, o vazio de sua busca e o estado depressivo que emerge dessa constatação.

A narrativa, então, explora a complexidade do Eros e a luta humana contra a solidão, ao mesmo tempo em que revela a fragilidade das ilusões que construímos para suportá-la. Embora a solidão do protagonista, um senhor de 90 anos, seja fortemente enfatizada devido à perspectiva autodiegética da obra, é também possível refletir sobre a solidão da jovem Delgadina. Tão jovem, ela já se encontra em uma posição de vulnerabilidade, buscando formas de ajudar sua família ao se submeter às circunstâncias impostas pela casa clandestina de Rosa Cabarcas, como podemos observar na seguinte citação:

Pobrezinha, além de tudo tem de trabalhar o dia inteiro pregando botões numa fábrica. Não me pareceu que fosse um ofício tão duro. Isso é o que os homens acham, replicou ela, mas é pior que picar pedras. Além disso, me confessou que tinha dado à menina uma beberagem de valeriana com brometo, e que ela estava dormindo. [...] Acordei de madrugada sem me lembrar onde estava. A menina continuava dormindo de costas para mim em posição fetal. (Márquez, 2010, p. 30 – 35)

Enquanto o protagonista experimenta o que ele chama de “primeiro amor” e tenta, através de Delgadina, recuperar sua juventude e vencer o vazio de sua existência, a jovem permanece silenciosa durante as interações amorosas. Esse silêncio, longe de ser uma escolha inocente, pode

ser interpretado como um reflexo de sofrimento e resignação. Para ela, essa situação não representa um encontro amoroso, mas uma obrigação decorrente das dificuldades impostas pela precariedade de sua realidade familiar. Sob a perspectiva do narrador, seu árduo trabalho na fábrica de botões é minimizado, reforçando a visão egoísta e machista desse senhor, que ignora os sacrifícios da jovem enquanto romantiza sua própria experiência.

Dessa forma, ao pensar sobre a solidão, a obra não apenas ilumina a solidão do idoso, que vive seus últimos anos buscando uma conexão tardia, mas também convida à reflexão sobre o silêncio e a solidão de Delgadina. Ela, ainda tão jovem, já carrega o peso de responsabilidades e de uma experiência que lhe rouba a voz, deixando-a isolada em sua dor. Assim, a narrativa nos conduz a uma visão mais abrangente da solidão, envolvendo tanto o protagonista quanto aqueles que orbitam ao seu redor, como Delgadina, cujas necessidades e sacrifícios silenciosos permanecem subentendidos, mas igualmente significativos.

Historicamente, o papel da mulher tem sido associado ao cuidado do lar e da família, sendo raramente vista como um ser capaz de expressar abertamente suas opiniões. Em 1931, Virginia Woolf se manifestou na Sociedade Nacional de Mulheres sobre a voz e a realidade feminina, afirmando: “Em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E, acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura” (Woolf, 1996, p. 12). A partir desse fragmento, percebemos a figura de uma mulher submissa, que abdica de seus próprios pensamentos e desejos para agradar os outros, sem refletir sobre as consequências dessas atitudes para si mesma.

Associando o pensamento de Virginia Woolf à obra *Memórias de Minhas Putas Tristes*, observa-se como as personagens femininas, como Delgadina, Damiana e Ximena Ortiz, se encontram imersas em dinâmicas que refletem a imposição de expectativas sociais às mulheres. Woolf aponta que “elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam – falando sem rodeios – mentir” (Woolf, 1996, p. 13). Essa observação lança luz sobre a necessidade dessas mulheres de moldarem seus comportamentos, frequentemente em detrimento de si mesmas, para atender aos papéis que lhes são atribuídos. O seguinte fragmento ilustra essa dinâmica de sobrevivência feminina por meio das ações de Ximena Ortiz:

[...] surpreendi nua Ximena Ortiz, a menor de suas filhas, que fazia a sesta na alcova contígua. Estava deitada de costas para a porta e virou-se para me olhar por cima do ombro com um gesto tão rápido que não me deu tempo de escapar. Ai!, perdão, consegui dizer com a alma na boca. Ela sorriu, virou-se para mim com um ar de gazela e mostrou-se para mim de corpo inteiro. Cada palmo do quarto parecia saturado de sua intimidade. [...] Fechei a porta de um golpe, envergonhado com a minha imprudência, e com a determinação de esquecê-la. Mas Ximena Ortiz não deixou. Por meio de amigas em comum me mandava recados, epístolas provocadoras, ameaças brutais, enquanto espalhava-se a voz de que estávamos loucos de amor um pelo outro sem que tivéssemos trocado uma palavra sequer. Foi impossível resistir. [...] Nunca consegui sufocar o fogo de sua lembrança na cama de Pradomar, e assim entreguei-lhe minhas armas, com pedido formal de mão, troca de anéis e anúncio de boda antes de Petencostes. (Márquez, 2010, p. 40-41).

No caso de Ximena Ortiz, tal dinâmica é ilustrada como uma figura romantizada e

objetificada pelo protagonista. No entanto, os atos de Ximena, que envolvem provocações e sinais de aparente desejo, podem ser interpretados como estratégias de sobrevivência feminina em um contexto onde o valor da mulher é frequentemente medido por sua capacidade de agradar e atrair os outros. Isso reflete o que Woolf descreve como a abdicação de vontades próprias, quando as mulheres são compelidas a se conformar às expectativas que as tornam subservientes, enquanto mascaram suas reais intenções ou necessidades.

Nesse sentido, a narrativa de Ximena Ortiz não apenas exemplifica uma relação marcada pela submissão e pela performance de agradar, mas também evidencia como o espaço feminino é saturado de exigências que as obrigam a transitar entre o silêncio e a manipulação para garantir sua existência em uma sociedade profundamente desigual.

Mesmo diante da luta brutal por sobrevivência enfrentada por Ximena Ortiz em uma sociedade predominantemente machista, onde as mulheres buscam todas as formas possíveis de resistir às adversidades, o pior ainda estava por vir: o abandono no altar pelo protagonista. Durante a madrugada, ele se casa, de forma simbólica, com 22 mulheres no baile *El Poder de Dios*. A cena que se segue reflete os conflitos internos do protagonista, culminando em sua decisão de abandonar Ximena no altar:

Já na madrugada comecei a contar a passagem das horas no relógio da catedral, até as sete badaladas temíveis em que deveria estar na igreja. A campanha do telefone começou às oito; longa, tenaz, inesperada, durante mais de uma hora. Não apenas não respondi: não respirei. Pouco antes das dez bateram na porta, primeiro com a mão, e depois com gritos e vozes conhecidas e abominadas. Temia que a derrubassem por alguma desgraça grave, mas lá pelas onze a casa ficou no silêncio ouriçado que vem logo depois das grandes catástrofes. Então chorei por ela e por mim, e rezei de todo coração 46 para não me encontrar com ela nunca mais em meus dias. Algum santo me ouviu em parte, pois Ximena Ortiz foi-se uns vinte anos depois, bem-casada e com os sete filhos que podiam ter sido meus. (Márquez, 2010, p. 43-44).

Na citação, observamos que os conflitos emocionais e psicológicos do protagonista, que, em sua decisão de abandonar Ximena Ortiz, expõe não apenas sua incapacidade de lidar com o compromisso, mas também o peso da culpa e do medo que carrega. Sua escolha de ignorar as tentativas de contato e a simbologia de sua oração para nunca mais encontrá-la evidenciam o impacto emocional desse rompimento, tanto para ele quanto para Ximena.

Essa situação dialoga diretamente com a reflexão de Loureiro (1988, p. 22), que descreve como algumas mulheres podem tornar-se “vítimas de uma constante insatisfação em relação ao próprio corpo e aos sentimentos de inadequação”, uma realidade que também pode ser ampliada para Ximena. A rejeição vivida por ela não apenas reforça sua posição de vulnerabilidade em uma sociedade machista, mas também ilustra como essas experiências de abandono e desprezo contribuem para a perpetuação de um ciclo de submissão e dependência emocional.

Ao mesmo tempo, a narrativa ressalta a luta interna do protagonista, que, apesar de reconhecer sua responsabilidade nos eventos, escolhe se distanciar emocionalmente, criando um “fantasma” que o acompanhará. Assim, ambos os personagens, em suas respectivas solidões e inadequações, exemplificam como as relações de poder e gênero geram impactos, limitando a possibilidade de uma vivência de liberdade, especialmente para as mulheres como Ximena.

O protagonista vivia plenamente satisfeito com sua vida sexual sem vínculos conjugais, optando conscientemente por uma existência erótica desvinculada das responsabilidades de um relacionamento tradicional. No entanto, essa escolha o conduz a diferentes formas de solidão ao longo de seus 90 anos. Essa perspectiva nos leva a refletir sobre a visão de Bauman (2004) em relação aos compromissos. Para o sociólogo, a solidão é um elemento intrínseco a todo relacionamento, assim como a insegurança e a insatisfação que frequentemente o acompanham. Sobre os compromissos, Bauman afirma:

Exige esforço e habilidades consideráveis, que muitos personagens infelizes não possuem e que são características inatas de apenas uns poucos (embora algumas vezes também se faça necessária certa dose de sorte, distribuída esparsamente e ao acaso). Os problemas não terminam quando os casais passam a viver juntos. (Bauman, 2004, p. 41).

Os compromissos amorosos, como casamentos e relacionamentos estáveis, muitas vezes levam a uma série de problemas decorrentes da rotina, que acabam tornando os envolvidos infelizes. Isso ocorre principalmente devido ao esforço constante de agradar o parceiro, frequentemente em detrimento dos próprios desejos e necessidades. Nessas relações, a parceria tende a ser mais destacada do que o amor-paixão, conforme já abordado anteriormente.

Para Bauman (2004), essas parcerias revelam os conflitos subjacentes às relações humanas. Por outro lado, a busca por um parceiro fixo frequentemente nasce do desejo de escapar de aflições e solidões preexistentes. Contudo, devido à fragilidade emocional, os envolvidos acabam descobrindo que, em vez de encontrar alívio, a parceria conjugal pode intensificar suas inquietações e angústias (Bauman, 2004).

Assim, a relação entre Ximena e o protagonista ilustra como as relações de poder e gênero, aliadas à fragilidade emocional de ambas as partes, criam um ciclo de solidão e insatisfação. Para Ximena, o abandono reforça as limitações de sua liberdade e autonomia, enquanto, para o protagonista, a fuga do compromisso alimenta um vazio existencial. O que se evidencia é como essas dinâmicas impactam os indivíduos, especialmente as mulheres, e questiona as escolhas e estruturas que perpetuam essas vivências de infelicidade e dependência.

No contexto da discussão sobre solidão e a brutalidade vivida pelas mulheres em *Memórias de Minhas Putas Tristes*, encontramos Rosa Cabarcas, uma personagem central cuja vida está marcada pelas durezas do tempo e pela crueldade das relações humanas. Administradora de uma casa clandestina, Rosa é ao mesmo tempo vítima e agente de um sistema opressivo, recolhendo jovens mulheres para seu estabelecimento. Ela é uma figura que carrega em si a carga da solidão, resultante de uma vida permeada por escolhas difíceis e por um cenário social hostil.

É impactante observar como, no reencontro entre o senhor e Rosa Cabarcas, a narrativa expõe de forma quase brutal a naturalidade com que ele reflete sobre a condição dessa mulher. A percepção do protagonista sobre Rosa transcende sua aparência envelhecida e sua posição social, revelando camadas profundas de sofrimento e resignação que moldaram sua trajetória. Vejamos o trecho:

Não parecia a mesma. Havia sido a cafetina mais discreta e por isso mesmo a mais conhecida. Uma mulher corpulenta que queríamos coroar sargenta dos bombeiros, tanto pela corpulência como pela eficácia para apagar os candeeiros da paróquia.

Mas a solidão tinha diminuído seu corpo, havia acanelado sua pele e aveludado sua voz com tanto engenho que parecia uma menina velha. De antes, só lhe restavam os dentes perfeitos, com um que tinha mandado forrar de ouro por coqueteria. Guardava luto fechado pelo marido morto depois de cinquenta anos de vida comum. (Márquez, 2012, p. 27).

Rosa, antes uma figura imponente e conhecida por sua habilidade em lidar com um mundo hostil, agora surge diminuída pela solidão, com sinais evidentes de desgaste físico e emocional. A descrição do protagonista, carregada de detalhes sobre as mudanças em Rosa, transcende a mera observação superficial para captar as marcas de uma existência moldada pela resignação e pela solidão.

A percepção do protagonista alinha-se com a reflexão de Gikovate (1998, p. 199) sobre a natureza essencialmente solitária do ser humano. Segundo o autor: “somos solitários porque nossa mente, única, não se comunica com perfeição com nenhuma outra. Essa condição de isolamento, permanente e definida, é a causa principal da persistência da sensação de desamparo.” A solidão é uma condição inerente à nossa existência, decorrente da dificuldade de comunicação plena entre mentes únicas. Em Rosa Cabarcas, essa solidão se manifesta não apenas em seu isolamento físico, mas também em sua resignação diante da vida.

Ela se vê enclausurada em uma existência que, embora compartilhada por cinquenta anos com seu marido, não conseguiu superar o desamparo descrito por Gikovate. A solidão de Rosa, “acanelando sua pele e aveludando sua voz”, reflete uma luta interna entre a ilusão de companhia e a dura realidade do isolamento humano.

Além disso, Gikovate (1998, p. 200) pontua que: “ao assumirmos, de uma vez por todas, nossa condição de criaturas solitárias, pode acontecer que tendamos a um estado depressivo próprio daquele que sentimos quando percebemos que estávamos iludidos quanto a uma pessoa ou a uma ideologia.” Ou seja, aceitar nossa condição de seres solitários pode levar a um estado depressivo, próprio daqueles que percebem o vazio nas promessas de conexão, seja com pessoas ou ideologias. Rosa Cabarcas, guardando luto pelo marido falecido e com o corpo diminuído pela solidão, simboliza essa percepção amarga: a constatação de que nem mesmo a longa convivência conjugal foi capaz de preencher o vazio existencial que a acompanha. Sua escolha de operar em um ambiente clandestino, rodeada de jovens exploradas, pode ser vista como uma tentativa de lidar com esse desamparo, projetando em outras mulheres o mesmo ciclo de sofrimento e resignação que marca sua própria vida.

Assim, Rosa e o protagonista representam dois lados da mesma moeda: enquanto ele busca evitar o compromisso para fugir da solidão, ela carrega consigo as marcas de um isolamento psicológico, mesmo após anos de convivência conjugal. Ambos ilustram a ideia de que a solidão, como coloca Gikovate (1998), é um estado permanente e inescapável, deixando cicatrizes profundas em suas respectivas trajetórias.

A história de Rosa e do senhor ilustra de forma trágica a relação entre solidão e fracasso nas expectativas sociais, conforme apontado por Minois (2019, p. 01): “a solidão é uma constante na história, [...] o que faz dela um elemento essencial da condição humana”. Rosa Cabarcas, que vive uma vida marcada pela clandestinidade e pela exploração de outras mulheres, é uma personagem que representa essa solidão imposta por uma sociedade que exige certos modelos de sucesso e realização. Embora tenha compartilhado cinquenta anos de vida com seu marido, essa convivência não foi suficiente para aplacar o desamparo descrito por Minois (2019, p. 410), pois,

no fim, a solidão persiste. A solidão de Rosa, tanto física quanto emocional, é um reflexo do fracasso em atingir o modelo ideal de vida que a sociedade impõe, um modelo que ela não conseguiu cumprir nem mesmo em um casamento de longa duração.

O senhor, por sua vez, ao reencontrar Rosa, também se vê confrontado com a solidão, embora de maneira distinta. Sua escolha de abandonar Ximena no altar e seguir sua vida sem vínculos afetivos reflete, de certa forma, uma tentativa de escapar da pressão social por compromissos e responsabilidades. Porém, como observa Minois (2019), esse tipo de escolha não elimina a solidão, mas apenas a transforma, fazendo com que a sensação de desamparo e fracasso ganhe novas formas.

Como Minois (2019, p. 19) afirma, “o mundo latino tem uma visão negativa da solidão, que considera ser uma situação insuportável para um homem normal”. Essa visão negativa está ligada ao fato de que a solidão é muitas vezes associada ao fracasso e ao desamparo, como também ressalta o autor (2019, p. 410): “os que fracassam em atingir o modelo que fixaram para si se desvalorizam a seus próprios olhos e tornam-se angustiados”. Ambos, Rosa e o senhor, exemplificam a visão de Minois (2019) sobre a solidão como um reflexo do fracasso em atingir os modelos sociais de sucesso, felicidade e realização, e como essa solidão, mais do que um simples estado de isolamento, é uma consequência direta das imposições de uma sociedade que valoriza a conexão e a realização pessoal como padrões de vida.

Por fim, abordamos a personagem *Casilda Armenta*. No desfecho do romance, o senhor reencontra Casilda após muitos anos. Durante esse intervalo, ele havia enfrentado diversos momentos conflituosos, incluindo a perda de Delgadina, consequência de um assassinato ocorrido na casa de Rosa Cabarcas. Esse trágico evento levou ao fechamento da casa clandestina e ao desaparecimento de Delgadina, sobre quem o protagonista tinha poucas informações.

Nesse contexto de perdas e incertezas, o reencontro com Casilda adquire um tom nostálgico e simbólico. Para o senhor, Casilda representa um velho amor, como ele mesmo a descreve:

Ela sentiu, viu meus olhos úmidos de lágrimas, e só então deve ter descoberto que eu já não era o que fui e sustentei seu olhar com uma foragem da qual nunca me achei capaz. É que estou ficando velho, disse a ela. Já ficamos, suspirou ela. Acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê. (Márquez, 2010, p. 109)

O encontro com Casilda Armenta, marca um momento de reconhecimento mútuo da passagem do tempo e de suas consequências. A troca de olhares carrega uma carga simbólica e emocional, pois transcende palavras e revela a complexidade de sentimentos associados ao envelhecimento, à perda e à nostalgia.

Quando o protagonista diz: “É que estou ficando velho”, refletimos que esse tom de confissão reacende a fragilidade que o protagonista, até então, parecia resistir a admitir, especialmente em uma sociedade que valoriza a vitalidade e a juventude. A resposta de Casilda, “Já ficamos”, não apenas valida a confissão dele, mas também reconhece a universalidade desse processo. No entanto, ao dizer “acontece que a gente não sente por dentro, mas de fora todo mundo vê”, ela expressa a dissonância entre a percepção interna e externa do envelhecimento. Essa afirmação revela como o corpo se torna um marcador inevitável da passagem do tempo, enquanto

a mente e os sentimentos podem permanecer presos a uma percepção mais jovem e idealizada de si.

Apesar da breve troca de palavras entre o senhor e Casilda, ela é retratada como uma senhora idosa, assim como ele, marcada por uma aparente solidão, mas ainda conectada à vitalidade que suas memórias evocam. O encontro no ônibus lotado, pontuado por uma pergunta emblemática, desperta no protagonista uma reflexão sobre sua antiga conhecida. O narrador descreve: “Uma vez aposentada, meio doente e sem um tostão, havia se casado com um hortelão chinês que lhe deu nome e apoio, e talvez um pouco de amor. Aos setenta e três anos tinha o peso de sempre, continuava bela e de gênio forte, e conservava intacto o desenfado de seu ofício.” (Márquez, 2010, p. 108). Esse retrato revela não apenas a força e a resiliência de Casilda, mas também como sua história é permeada por escolhas e circunstâncias que desafiam a ideia de fragilidade atribuída à velhice.

Concluimos este capítulo de análise destacando como, em cada mulher representada, o silenciamento – seja por meio da solidão ou das relações eróticas – se manifesta de diferentes formas, com várias camadas de complexidade. Em *Damiana*, vemos o abuso claramente exposto, junto à ambiguidade de continuar amando aquele senhor mesmo aos 90 anos. Em *Delgadina*, a jovem é utilizada como um pretexto para reviver a jovialidade do senhor, uma vitalidade que já não lhe pertence. *Ximena Ortiz*, por sua vez, é usada e abandonada no altar, o que a destrói psicologicamente e a força a sair do seu círculo social. *Casilda Armenta*, silenciada pela velhice e pela solidão, reflete uma dor silenciosa que a consome. Por fim, *Rosa Cabarcas*, uma das principais chaves da obra, sofre ao continuar desempenhando o papel que sempre teve, resgatando jovens de suas vidas periféricas e as conduzindo para outros submundos de abandono. No entanto, seu ato não é movido pela maldade, mas pela tentativa de proporcionar oportunidades a essas jovens, assim como ela própria viveu à margem da sociedade.

Conclusão

O presente estudo, intitulado “Solidão e Eros: reflexos da representação feminina em Memórias de minhas putas tristes”, tem como objetivo analisar as representações femininas na obra *Memórias de minhas putas tristes*, de Gabriel García Márquez (2004), explorando os temas da solidão e do amor Eros. Na narrativa, destacamos como cada personagem interage com esses temas e, em suma, observamos como a solidão, o amor e os silenciamentos são atravessados pelas memórias do protagonista, bem como pelas angústias das personagens nas interações com o narrador.

Nossa análise revela que, em cada mulher representada, o silenciamento — seja por meio da solidão ou das relações eróticas — se manifesta de formas distintas e com múltiplas camadas de complexidade. Em *Damiana*, o abuso é explicitamente apresentado, juntamente com a ambiguidade de amar aquele senhor mesmo aos 90 anos. Em *Delgadina*, a jovem é instrumentalizada como um meio para que o protagonista reviva uma vitalidade que já lhe escapou. *Ximena Ortiz*, por sua vez, é abandonada no altar, o que a destrói psicologicamente e a força a romper com seu círculo social. *Casilda Armenta*, silenciada pela velhice e pela solidão, personifica uma dor silenciosa que a

consome. Por fim, Rosa Cabarcas, figura-chave na obra, sofre ao perpetuar o papel de resgatar jovens de vidas periféricas, conduzindo-as a outros submundos de abandono. Seu ato, no entanto, não é movido por maldade, mas por uma tentativa de proporcionar oportunidades que ela mesma, vivendo à margem da sociedade, jamais teve.

Além disso, a relação do protagonista com essas mulheres é marcada por interações fugazes, nas quais o Eros, em vez de promover união ou afeto, aprofunda a solidão das personagens. O desejo do protagonista por elas é retratado de forma superficial, como uma tentativa de preencher seu próprio vazio existencial, e não como uma verdadeira expressão de amor. A ausência de reciprocidade emocional faz com que as mulheres se isolem ainda mais, refletindo um vazio que permanece insuperável.

Por fim, o silenciamento das personagens femininas ao longo da narrativa reforça e amplifica sua solidão. Elas são sistematicamente privadas de voz e agência, impedidas de expressar seus próprios desejos e sentimentos. Esse silenciamento reflete uma sociedade patriarcal que as marginaliza, transformando sua solidão não apenas em um estado emocional, mas em um destino imposto pelas estruturas sociais e pelas dinâmicas de poder. Assim, a solidão das mulheres em *Memórias de minhas putas tristes* revela-se como um fenômeno multifacetado, intensificado pela objetificação, pela deturpação do Eros e pela negação de voz.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução de Maria José S. E. Bernardes. São Paulo: Perspectiva, 1989.

GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão**. São Paulo: MG Editores Associados, 1998.

LOUREIRO, Carolina Piazzarollo. **Corpo, beleza e auto-objetificação feminina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Minois (2019)

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Memórias de minhas putas tristes**. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MINOIS, Georges. **História da solidão e dos solitários**. São Paulo, Editora Unesp, 2019, p. 409-455.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução, apresentação e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.



SILVA JÚNIOR, José Dantas da. **A solidão amorosa na literatura latino-americana em Memórias de minhas putas tristes, de Gabriel García Márquez, e Solidão Continental, de João Gilberto Noll.** 2022. Tese (Doutorado de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2022.

WOOLF, Virginia. **Uma sala própria.** 1. ed. São Paulo: Editora XII, 1996.